



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 10 | Nº. 19 | Jul./Dez. de 2018

### **Edvanir Maia da Silveira**

*Profa. Adjunta do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA) e Pós-doutora em História (UFC-2018)*  
vanirsilveira@oi.com.br

## BIPARTIDARISMO NO CEARÁ: o caso da Arena na zona norte (1966-1979).

---

### **RESUMO**

O presente artigo discute a atuação da ARENA na zona norte do Ceará, nos anos de 1966 a 1979. O partido tem origem com o sistema bipartidário que vigorou nas décadas de 1960/70, como parte da política do regime militar. A ARENA deveria representar o governo em contraposição ao MDB que representava a oposição. Na zona norte do Ceará a agremiação teve hegemonia na política municipal elegendo a maioria dos prefeitos. Mas não foi tranquilo reunir tantas correntes políticas numa única agremiação para ocupar o lugar de *partido do governo*. O livro de Lúcia Grinberg *Partido político ou bode expiatório* é uma das poucas referências para o estudo da ARENA. Depoimentos, dados eleitorais, discursos entre outros materiais, auxiliaram na compreensão do tema na zona norte cearense.

**Palavras-chave:** Partidos políticos. Arena. Zona Norte.

---

### **ABSTRACT**

This article discusses ARENA's activities in northern Ceará, from 1966 to 1979. The party originated with the bipartisan system that was in force in the 1960s and 1970s, as part of the military regime's policy. ARENA should represent the government as opposed to the MDB that represented the opposition. In the northern area of Ceará, the association had hegemony in municipal politics, electing the majority of mayors. But it was not easy to gather so many political currents into one single group to take the place of the government party. The book by Lúcia Grinberg *Political party or scapegoat* is one of the few references for the study of ARENA. Statements, electoral data, speeches among other materials, helped to understand the theme in the northern area of Ceará.

**Keywords:** Political parties. Arena. North zone.



## 1. Introdução<sup>1</sup>

Ao longo da história da República podemos traçar três culturas que caracterizaram as práticas políticas no Ceará: o coronelismo, marcado pela relação de compadrio, lealdade e violência, que vigorou até os anos de 1930/40; o clientelismo, que, apesar de constituir uma característica da política brasileira, aparece com mais evidência nas décadas de 1950/70;<sup>2</sup> e o voto mercadoria, a partir dos anos 80, quando ganha prioridade o fator econômico. “Sendo mercadoria o voto não tinha laço.”<sup>3</sup>

Para Glória Diógenes, a partir da década de 1960 as lideranças políticas são em sua maioria “doutores”, homens de origem rural, porém de vida cidadina. Eles se diferenciam em suas funções dos velhos coronéis. Os favores vão dando lugar ao clientelismo, empreguismo, e as relações entre representante e representado vão se tornando mais distantes, menos subjetivas, menos pessoais e mais “racionais”, vão paulatinamente perdendo os laços de compadrio. As relações passam a ser mediadas pelo cabo eleitoral, uma espécie de capataz do domínio eleitoral do político, que para a autora pode ter ganhado espaço com o enfraquecimento e a descentralização do poder do coronel.<sup>4</sup>

Entender o significado do sistema bipartidário que vigorou entre 1966-79 não é tarefa das mais fáceis. As consequências do golpe de 1964 eram imprevisíveis. Por mais que o golpe fosse esperado, como afirmam alguns,<sup>5</sup> não havia clareza do caminho a ser tomado, nem mesmo se haveria uma ditadura. Nesse sentido é muito difícil avaliar o que levou os líderes políticos a filiar-se e/ou permanecer na Arena ou no MDB. Na Arena não é muito difícil cogitar: estar no partido do governo é muito confortável e atraente. Já ao MDB é mais complexo, filiar-se a um partido legalmente de oposição em regime autoritário é sempre melindroso.

---

<sup>1</sup> O texto é parte do Relatório de Pós-Doutorado defendido junto a Universidade Federal do Ceará em 2018.

<sup>2</sup> Cf. CARVALHO. José Murilo de.

<sup>3</sup> José Parsifal Barroso. Programa de História Oral. Lideranças Políticas. Núcleo de Documentação (NUDOC). Universidade Federal do Ceará (UFC), 1984.

<sup>4</sup> DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. As eleições de 1954 e 1958 no Ceará: os partidos e suas lideranças. Fortaleza: UFC/Stylus Comunicações, 1989. Coleção Estudos Históricos. NUDOC, Vol. 4. P. 105.

<sup>5</sup> Parsifal Barroso disse que sabia que o golpe viria. Entrevista citada.

A memória acerca do MDB é do partido de gente brava, guerreira, que sem armas, sem sangue combateu o autoritarismo e restaurou a democracia, inaugurando um novo tempo na história do Brasil – a Nova República. Já a ARENA não goza do mesmo prestígio. Lembrada principalmente como o partido do *sim, senhor*, que aderiu, representou e sustentou o regime autoritário, não é reivindicada por nenhum grupo político como nome a ser recuperado.

Em que medida essas legendas atingiram o fim para o qual foram criadas? A ARENA ocupou lugar privilegiado enquanto *partido do governo*? Quais as razões para memória negativa acerca da agremiação? Nosso objetivo é, pois, investigar os paradoxos que marcaram a vigência da Arena na zona norte do Ceará, a partir da sua relação com a ditadura.

Em Sobral, com a saída de cena<sup>6</sup> de líderes fortes como José Saboia e Chico Monte, a UDN foi cooptada pela ala virgilista, mantendo-se hegemônica no município. Ao longo do novo sistema, os grupos Prado, Barreto e Ferreira Gomes se revezaram no executivo municipal sob a legenda da ARENA. No município de Massapê, embora o MDB fosse constituído por líderes representativos como Ozires Pontes, um dos fundadores da agremiação no estado, o poder municipal também teve a hegemonia da ARENA, sob a liderança do coronel Chico Lopes, que conseguiu levar para o seu lado o único prefeito eleito pelo MDB, nas eleições de 1970.<sup>7</sup>

É muito escassa a historiografia dos partidos políticos, e a da ARENA, quase inexistente. O livro de Lúcia Grinberg – *Partido político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional – ARENA (1965-1979)* é praticamente filho único. Aliás a própria autora reclama da ausência de pesquisa acerca da história desse partido, que para ela tem sido tratado com bastante preconceito pela memorialística.

O conceito de cultura política é imprescindível para entendermos o objeto em estudo. Para tanto, tomamos como referência as reflexões do historiador

---

<sup>6</sup> Ambos faleceram antes do bipartidarismo.

<sup>7</sup> Outra versão é que a candidatura do MDB se deveu a um desentendimento entre Lopes e seus colaboradores. Fonte: SOUZA, Elza Valquíria Alves de. *O Ciclo político do coronel Chico Lopes em Massapê-CE*. Sobral: UVA, 2003. 36p.

Rodrigo Patto, que, sob a inspiração de Serge Berstein, pensa o político a partir do entendimento de que a cultura influencia as decisões e ações políticas.<sup>8</sup>

Depoimentos de lideranças, eleitores e outros interessados no cotidiano municipal ajudaram a entender a criação, atuação e ideologias construídas nos partidos. Dados do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará, jornais, fotografias, discursos, telegramas, dentre outros materiais de registro de campanhas, convenções e outras atividades políticas ajudaram a compreender a estrutura e funcionamento dos partidos. Entretanto, ressaltamos que não é fácil o acesso às fontes relativas a essa temática.

## 2. Os Partidos Políticos e as Eleições.

Ao longo da história do Brasil existiram sete formações partidárias: 1. Liberais *versus* conservadores (1837-1889); 2. Partidos únicos estaduais (republicanos) (1889-1930); 3. Integralista *versus* comunistas (1930-1937); 4. Pluripartidarismo (1945-1964); 5. ARENA *versus* MDB (1965-1979); 6. Pluripartidarismo controlado (1979-1985). 7. Ampliação do pluripartidarismo a partir de 1985.<sup>9</sup>

Para Schimdt, partidos políticos são associações de indivíduos com a finalidade de disputar eleições e, por esse meio, vir a colocar os seus membros no poder.<sup>10</sup> Mas para Serge Berstein, o partido tem um significado mais profundo, é o lugar de mediação política. Ele elenca alguns critérios para identificar um partido: a duração no tempo; a extensão do espaço; a aspiração ao exercício do poder, e a vontade de buscar o apoio da população.<sup>11</sup>

De acordo com o cientista político Bolívar Lamounier, o Brasil é um caso notório de subdesenvolvimento partidário, já que marcado pela descontinuidade e debilidade. Mesmo os partidos de 1945-64, considerados os mais sólidos, não têm histórico de continuidade. Talvez por isso o experimento militar autoritário tenha

---

<sup>8</sup> ABREU, L. A. de; MOTTA, R. P. S. (Orgs). *Autoritarismo e cultura política*. Porto Alegre: FGV/Edipucrs, 2013. p. 11

<sup>9</sup> Emenda constitucional nº 25 de maio de 1985 suspendeu praticamente todas as restrições a formação de novos partidos.

<sup>10</sup> SCHMITT, Rogério. *Partidos políticos no Brasil (1945-2000)*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2000. (Descobrimo o Brasil). p. 10

<sup>11</sup> BERSTEIN, Sérgio. Os Partidos. In. RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.p. 62-63

logrado êxito na imposição do bipartidarismo em 1965 e do pluripartidarismo em 1979. Ele argumenta que a descontinuidade entre os sistemas partidários, suprimidos pela violência, e o antipartidarismo, como traço marcante da cultura política brasileira, são elementos substanciais para explicar esse subdesenvolvimento.<sup>12</sup>

A historiadora Lúcia Grinberg tem dúvidas sobre essa tese de fragilidade dos partidos políticos brasileiros. Para ela, os analistas ressaltam mais a fragilidade dos partidos do que a arbitrariedade por parte dos regimes que os eliminaram por meio de decretos. Ela sugere historicizar os debates para não cair no senso comum da inadequação ou impossibilidade de consolidação das instituições democráticas no país, já que muitas vezes os cientistas políticos generalizam e comparam sistemas partidários de épocas distintas.<sup>13</sup> Ela faz coro com outros analistas que defendem que, quando o regime democrático ruiu na década de 1960, os partidos se encontravam em processo de consolidação e não de desagregação como muitos pregaram. Portanto, o AI-2 não foi o fim da agonia dos partidos, mas a ruptura no processo de sua consolidação.<sup>14</sup>

O período entre 1945-64 é sem dúvida um marco na história dos partidos políticos no Brasil. Caracterizou-se entre outras coisas pelas campanhas eleitorais. A exclusividade dos partidos políticos na apresentação das candidaturas somada a obrigatoriedade do voto em sufrágio universal, levaram ao estabelecimento de novas relações entre candidatos e eleitores, daí as campanhas ganharem cada vez mais importância. O código de 1945 – Lei Agamenon - determinava a exclusividade das candidaturas por meio dos partidos políticos e a exigência de que os partidos tivessem caráter nacional. Os panfletos de propaganda, os comícios microfonados, a distribuição de sorrisos e apertos de mãos passam a compor o cenário urbano. Era preciso convencer à sociedade de que todos precisavam participar do jogo político necessário à construção de um país democrático. Eleitor e cidadão se

---

<sup>12</sup> LAMOUNIER, B.; MENEGUELLO, R. Partidos políticos e consolidação democrática. O caso brasileiro. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 9 a 13.

<sup>13</sup> GRINBERG, L. *Partido político ou bode expiatório*. Um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional – ARENA (1965-1979). Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 38

<sup>14</sup> LAVAREDA, A. A democracia nas urnas. *Apud* Grinberg. p. 40

uniam numa única identidade, levando as eleições a constituir a principal prática cidadã.<sup>15</sup>

As eleições passaram a ser tratadas com mais rigor, visando à garantia do exercício democrático. Houve ampliação do eleitorado que passou de 21 anos para 18 e a imposição da obrigatoriedade do voto, mesmo assim o número de votantes continuou pequeno, talvez pela negação do voto analfabeto.<sup>16</sup>

O sistema partidário naquele período era composto por partidos nacionais em número de treze, sendo três predominantes: UDN, PSD e PTB.<sup>17</sup> No seu estudo sobre as eleições de 1954 e 1958 no Ceará, Glória Diógenes traça um perfil desses três principais partidos. Para ela, a característica do PTB como partido dos trabalhadores urbanos, tendo como base os sindicatos e as associações de classe, não se observava no Ceará. Era muito instável, mimetizava-se com o meio político ao qual se inseria, sendo confundido ora com o PSD ora com a UDN, isso ocorria devido à necessidade de sobrevivência da sua legenda. Nos anos 50 seus líderes e seus votos vinham principalmente de áreas rurais.<sup>18</sup>

A UDN e o PSD ocuparam alternadamente o poder executivo do Estado entre 1945 e 1962. Diógenes afirma que até aquele momento eles podiam ser considerados reais adversários concentrando a atenção a cada eleição. Ambos abrigavam facções inimigas, dificilmente acomodáveis dentro de uma mesma legenda ou sob coligações. Entretanto, o que ela constatou foi que, no alinhamento das forças conservadoras de 1962 (*União pelo Ceará*),<sup>19</sup> que uniu as duas legendas em torno da candidatura de Virgílio Távora ao governo do Estado, as supostas diferenças foram facilmente suplantadas, atestando a natureza nitidamente agremiativa destes partidos.<sup>20</sup>

De forma geral, nenhum partido da época tinha plataforma política definida. Os partidos existiam em razão direta das eleições traçando nos intervalos entre uma e outra as estratégias que os manteriam nos postos conquistados ou que lhes

---

<sup>15</sup> CAJADO, Ane Ferrari; DORNELLES, Thiago; PEREIRA, Amanda Camylla. *Eleições no Brasil – uma história de 500 anos*. Brasília, TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. 2014. p. 44.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 47.

<sup>17</sup> SCHIMDT, op. cit. p. 14 a 18.

<sup>18</sup> DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. *As eleições de 1954 e 1958 no Ceará: os partidos e suas lideranças*. Fortaleza: UFC/Stylus Comunicações, 1989. Coleção Estudos Históricos. NUDOC, Vol. 4. 112p. p. 101.

<sup>19</sup> Acordo eleitoral costurado pelo governador Parsifal Barroso, que reuniu os grandes partidos rivais – a UDN de Virgílio Távora e o PSD de Waldemar Alcântara.

<sup>20</sup> DIÓGENES, op. Cit. p. 103.

assegurariam vitórias no próximo pleito. Falar destes partidos significava em termos mais objetivos caracterizar os quadros das lideranças que se colocavam à sua frente.<sup>21</sup>

Parsifal Barroso concorda que não havia diferença programática entre os dois partidos, mas diz que a UDN era mais revanchista e o PSD mais conservadorista.<sup>22</sup> O ex-senador Wilson Gonçalves defende que apesar de não ter ideologia havia muita divergência entre as duas agremiações, construídas por questões municipais e/ou pessoais, e que, ao contrário do que afirmam alguns autores, não foi fácil juntá-las na *União pelo Ceará* em 1962, nem na Arena em 1966.<sup>23</sup> Entender essa formação partidária é fundamental para compreendermos o sistema bipartidário que se instalou a partir de 1965, já que esses três partidos constituem as bases das novas agremiações, impostas pelo regime autoritário.

As eleições, para Diógenes, explicitam e aguçam as diferenças entre as agremiações; “é nesse momento que o discurso se torna mais concreto, que a posição de neutralidade é desmitificada e que os instrumentos de ação política utilizados durante o período entre as eleições tornam-se passíveis de serem utilizados.”<sup>24</sup> Com o golpe de 1964, as eleições se dividem entre diretas e indiretas. Naquele contexto elas tinham dupla função: legitimar as decisões do governo e servir de laboratório eleitoral, no qual a população poderia exercer controladamente o direito de votar.<sup>25</sup>

### 3. O Bipartidarismo

Nas eleições para governador em 1965, a união entre PSD e PTB saiu vitoriosa, inclusive em regiões importantes como Minas Gerais e Guanabara (Rio de Janeiro), levando o regime a repensar o sistema partidário. Segundo Rodrigo Patto,<sup>26</sup> pressionado pela “linha dura” e pela ausência de uma agremiação que representasse os interesses do governo, o regime decretou o Ato Institucional nº 2 impondo o bipartidarismo:

---

<sup>21</sup> Ibidem.

<sup>22</sup> José Parsifal Barroso, entrevista citada.

<sup>23</sup> Entrevistas de Wilson Gonçalves ao Programa de História Oral. Lideranças Políticas. Núcleo de Documentação (NUDOC). Universidade Federal do Ceará (UFC), 1984.

<sup>24</sup> DIÓGENES, G. op. cit. p. 23.

<sup>25</sup> CAJADO, Ane Ferrari; DORNELLES, Thiago; PEREIRA, Amanda Camylla. *Eleições no Brasil – uma história de 500 anos*. Brasília, TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. 2014. p. 50d.

<sup>26</sup> MOTTA, Rodrigo Pato Sá. A formação do MDB e a influência do quadro partidário anterior. In.: *Revista de Sociologia e Política*. Nº 6/7, 1996.



Aos membros efetivos do Congresso Nacional, em número não inferior a 120 deputados e 20 senadores, caberá a iniciativa de promover a criação, dentro do prazo de 45 dias, de organizações que terão, nos termos do presente Ato, atribuições de partidos políticos, enquanto que estes não se construírem.<sup>27</sup>

O bipartidarismo destruía os partidos que poderiam ser foco de contestação ao regime e construía um partido que lhe garantia suporte. A adequação a esta nova organização partidária não foi tranquila na maioria dos municípios brasileiros. Ao MDB impunha-se um dilema:

atuar politicamente ou retirar-se da cena política. Ao escolher existir, ocuparia o único espaço de oposição permitida pela ordem jurídica instituída, mas teria o inconveniente de legitimar as decisões governamentais, reforçando o discurso oficial de que não existiam imposições. Se, ao contrário, optasse por se retirar do jogo político, poderia dismantlar a legitimação do governo, mas retiraria qualquer obstáculo às decisões militares. Enfrentando o dilema, o MDB optou por permanecer na cena política, atuando no espaço a ele destinado para oferecer alguma oposição ao regime.<sup>28</sup>

De acordo com D'Alva Kinzo, a dificuldade do MDB foi completar o número de membros exigidos pela nova lei, já que muitos parlamentares populares já haviam sido cassados, e assumir-se como oposição era pôr em risco novas cassações. Já para a ARENA, a dificuldade foi reunir numa única agremiação tantas tendências divergentes de base regional e local, que se colocaram ao lado do governo, para isso as sublegendas foram bastante úteis.<sup>29</sup>

Patto defende que a principal herança do MDB foi o PSD e o PTB, por isso seu programa e sua atuação podem ser chamados de centro-esquerda. Enquanto a ARENA seria herdeira principalmente da UDN, embora também tenha recebido militantes do PSD e do PTB.<sup>30</sup> Ele ressalta que o MDB teve muita dificuldade de ser aceito pelas esquerdas, excetuando-se o PCB, que seria o único grupo organizado de esquerda a se ligar ao MDB, desde o início. A partir de 1974-75, vários grupos começaram a se aproximar do partido, por diversas razões: pela credibilidade

---

<sup>27</sup> Ato Complementar nº 4, de 20 de novembro de 1965, art. 1º. Apud MOTA, Aroldo. Op. Cit.

<sup>28</sup> CAJADO, Ane Ferrari; DORNELLES, Thiago; PEREIRA, Amanda Camylla. *Eleições no Brasil – uma história de 500 anos*. Brasília, TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. 2014. p.59.

<sup>29</sup> KINZO, Maria D'Alva G. *Oposição e autoritarismo - gênese da trajetória do MDB: 1966-1979*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988. p. 30.

<sup>30</sup> MOTTA, R. Op. Cit. p. 204.

construída pelos “autênticos”<sup>31</sup> em 1973-74; pelos esforços dos emedebistas em se aproximarem dos movimentos sociais e da intelectualidade e a divulgação mais eficiente de imagem efetivamente oposicionista, mostrando-se um partido preocupado com os problemas sociais e empenhado na luta pela democracia.<sup>32</sup> A fragmentação da oposição, por meio do pluripartidarismo, seria a próxima estratégia política que socorreria o regime até as eleições de 1985.

O princípio era criar organizações provisórias, daí nenhuma das novas legendas, oficializadas em 1966, apresentou a palavra “partido” em sua denominação. A ARENA como importante instrumento político teria garantido ao regime significativas vitórias nos pleitos de 1966 e 1970, especialmente nas regiões Norte e Nordeste do país, afirma Patto.<sup>33</sup>

Ao falar da “engenharia institucional” do bipartidarismo, Bolívar Lamounier a classifica em três fases. A primeira tratava-se de acomodar dentro da Arena as facções oriundas dos velhos partidos que continuavam a digladiar-se, com o instrumento da *sublegenda*. A segunda fase foi disciplinar o partido governista no âmbito parlamentar com a *fidelidade partidária*. Tal medida obrigava os parlamentares seguirem fidedignamente as diretrizes partidárias, evitando a migração ou mesmo o apoio a projetos emedebistas.<sup>34</sup> A terceira seria um conjunto de medidas que impediria a perda de monopólio do governo sobre o desmoronamento do regime: *Lei Falcão* (1976), o *Pacote de Abril* de 1977 e por fim o *Pluripartidarismo* em 1979.<sup>35</sup>

No trabalho sobre a memória política da ARENA, Lúcia Grinberg mostra que a história da ARENA envolve uma disputa pela memória tanto da UDN (União Democrática Nacional) quanto do PSD (Partido Social Democrático). A ARENA é lembrada com a imagem de subordinação e apoio aos militares no executivo, um perfil negativo, já que significa a participação após o sucesso do movimento de

---

<sup>31</sup> Autênticos foi uma expressão criada pela imprensa do período para caracterizar os militantes mais radicais do MDB.

<sup>32</sup> MOTTA, Rodrigo Pato Sá. O MDB e as esquerdas. In: FERREIRA, J. *Revolução e democracia – 1964...* RJ: Civilização Brasileira, 2007. p. 295.

<sup>33</sup> *Ibid.* p. 47.

<sup>34</sup> Emenda constitucional nº 1 de 1969 outorgada pela Junta Militar. *Apud* LAMOUNIER, op. Cit.

<sup>35</sup> LAMOUNIER, B.; MENEGUELLO, Rachel. *Partidos Políticos e consolidação democrática – o caso brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

1964, e não a atuação efetiva no processo.<sup>36</sup> “... O MDB era referido como partido do ‘sim’ e a ARENA como partido do ‘sim, senhor’, o que significa dizer que ambos ‘se dobravam à vontade do poder, mas a ARENA o fazia com mais servilismo e menos pudor’”.<sup>37</sup>

Segundo a autora, a historiografia sobre a ARENA questiona a compreensão desta, como partido: pela limitada influência no governo ou pela diversidade de origens partidárias de seus membros. Ela defende a ideia de que se a ARENA foi instituída pelo regime militar, seus membros não o foram, apresentando uma grande maioria de militantes com longa prática na política partidária.<sup>38</sup> Grinberg conclui que a ARENA foi um bode expiatório ao inverso do regime militar: fraca, risível e sem poder nenhum. Todavia, continua a autora, é preciso reconhecer que é representativa de boa parte da história dos partidos políticos no Brasil: UDN, PSD e até PTB, formando grande parte da geração seguinte de políticos, quando as alternativas se limitavam a ela e ao MDB.<sup>39</sup>

Para Grinberg os anos de 1964 a 1979 serão entendidos como um tempo de crise cuja principal característica foi a perda do monopólio da representação pelos políticos profissionais e a atuação ostensiva dos militares no campo político.<sup>40</sup>

No Ceará, de acordo com dados eleitorais do TRE, a maioria dos municípios aderiu à ditadura. Com a extinção dos antigos partidos políticos, foram criadas duas agremiações provisórias: *União Parlamentar Revolucionária do Ceará (UPRC)* e o *Bloco Democrático Renovador (BDR)*.<sup>41</sup> Entretanto, para Valdenir Rabelo Filho, a divisão dos parlamentares em dois grupos não se deveu à postura divergente em relação à “revolução”. Pelo contrário, os dois grupos reconheciam a legitimidade da “revolução” e disputavam o lugar de representante do regime no Ceará, como se pode constatar nos objetivos do documento de fundação das agremiações, respectivamente:

---

<sup>36</sup> GRINBERG, Lúcia. Uma memória política sobre a Arena: dos “revolucionários de primeira hora” ao “partido do sim, senhor”. In.: REIS, Daniel Aarão et al. (Orgs). *O Golpe militar e a ditadura – 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: EDUSC, 2004. p. 143.

<sup>37</sup> MOTTA, Rodrigo de Patto Sá. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*: Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 118.

<sup>38</sup> Ibid. p. 149.

<sup>39</sup> Ibid. p. 158.

<sup>40</sup> GRINBERG, op. cit. p. 46.

<sup>41</sup> MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará. 1947-1966*. Rio-São Paulo – Fortaleza: ABC editora, 2005. pp. 235-6.

a) Apoiar a ordem jurídico-revolucionária; b) **apoiar o Governo Federal, representado pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco**; c) apoiar o Governo Estadual, representado pelo Excelentíssimo Senhor Governador, coronel Virgílio do Nascimento Fernandes Távora; d) tornar público este instrumento ao povo do Ceará, dando-se conhecimento do seu teor às autoridades acima indicadas, bem como ao Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará.<sup>42</sup>

a) **Consolidação dos ideais revolucionário, dos quais se tornou decidido executor o Exmo. Sr. Presidente da República**; b) maior dignificação do Poder Legislativo do Ceará, através de vigilante atuação na defesa dos legítimos interesses da coletividade cearense; c) cooperação patriótica na manutenção do clima de paz e tranquilidade, indispensável ao progresso do Brasil e bem-estar de seu povo; d) esforço permanente no sentido de que prevaleça ambiente de rigorosa moralização administrativa em todos os setores da vida pública do Estado.<sup>43</sup> (Grifos nosso)

Ainda segundo o historiador, o bloco renovador foi muito mais contundente na perseguição aos parlamentares de esquerda, acusando o então governador de acobertá-los, com o objetivo de macular sua imagem frente ao novo regime.<sup>44</sup>

Com a efetivação das novas agremiações, para ARENA foram UDN, representada pelas famílias: Távora, Bezerra, Sampaio, Furtado Leite, Castro, Costa Lima, Alencar, Ferreira Gomes, Rodrigues, Marcílio e Barreto; PSD representado pelas famílias: Alcântara, Gomes da Silva, Augusto e Gonçalves; PSP e PTB. Para o MDB foram militantes do PSD das famílias Andrade, Figueiredo Correia e Benevides; PTB (Pontes) e a esquerda ainda não cassada.<sup>45</sup>

Embora a ARENA tenha sido a maior usuária da sublegenda, já que constituía uma agremiação maior e mais diversificada, no Ceará o MDB também se apropriou dessa prática. A ARENA chegou a dividir-se em três sublegendas, embora fosse mais comum em duas, enquanto o MDB se dividiu em duas, e só excepcionalmente em três. Apesar das sublegendas, o partido era único, o diretório era um só, as sublegendas eram definidas quando da convenção para escolha dos candidatos para os pleitos municipais. Era necessário o apoio de pelo menos 20%

---

<sup>42</sup> Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. *União Parlamentar Revolucionária do Ceará*. Fortaleza-CE, 29 de outubro de 1965. Acervo Virgílio Távora. Fundo: Governador Virgílio Távora. Série: Organização Política Partidária. Sub-série: ARENA. APEC. Fortaleza-CE. Apud. RABELO FILHO, p. 226.

<sup>43</sup> Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. *Bloco Democrático Renovador*. Fortaleza-CE, 08 de novembro de 1965. Acervo Virgílio Távora. Fundo: Governador Virgílio Távora. Série: Organização Política Partidária. Sub-série: ARENA. APEC. Fortaleza-CE. Apud RABELO FILHO, p. 233.

<sup>44</sup> RABELO FILHO, op. Cit. p. 233.

<sup>45</sup> FARIAS, Airton de. *Além das armas*. Guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72). Fortaleza: Livro Técnico, 2007. p. 52.; ESTADO DO CEARÁ. Arquivo Público do Estado do Ceará. *Acervo Virgílio Távora*. Produção intelectual. Fortaleza, 1954/65/79.

dos filiados para criar uma sublegenda, por isso em vários municípios as sublegendas nem sempre apareciam em todas as eleições.<sup>46</sup> Em Massapê, por exemplo, na eleição de 1966 não havia sublegenda, já na de 1972 cada agremiação se dividia em duas, enquanto em Sobral foram sempre duas sublegendas. Do mesmo modo, era inconstante a permanência de um grupo em uma sublegenda, ela podia mudar a cada eleição.

Kinzo afirma que “a filiação à ARENA ou ao MDB não resultou de uma cisão claramente definida entre os partidos conservadores de um lado, e os partidos trabalhistas e reformistas de outro”. Para ela, esse ecletismo se devia à forma como as agremiações foram criadas, mas também pela falta de clareza no caráter ideológico e representativo dos antigos partidos políticos, além da frouxidão daquela legislação, que alimentava a infidelidade partidária.<sup>47</sup> Grinberg discorda dessa ideia de falta de ideologia dos partidos anteriores. Para ela a UDN e o PSD tinham identidade consistentes, mantidas mesmo quando se juntaram na Arena.<sup>48</sup>

Entretanto, Lamounier, Grinberg e Kinzo concordam que a Arena era tão recente, artificial e, sobretudo, impotente quanto o MDB, com a diferença, apenas, de que se achava mais próxima das vantagens clientelistas e daquilo que o regime definia como legalidade.<sup>49</sup>

#### 4. A ARENA

O registro da Arena como organização política se deu em 1966, sendo transformada em partido político, em 1967.<sup>50</sup> No primeiro diretório nacional aparecem os nomes de alguns cearenses: Rachel de Queiroz, Wilson Gonçalves (PSD) e Paulo Sarasate (UDN).

De acordo com seu estatuto:

[...]

Art. 2º – A ALIANÇA RENOVADORA NACIONAL pugnará:

- b) pelo aperfeiçoamento da democracia representativa e, conseqüentemente, contra a fraude, a influência do poder econômico nas eleições e os abusos do poder político;
- g) pela expansão do ensino em todos os graus, especialmente do ensino

<sup>46</sup> Wilson Gonçalves. Entrevista citada.

<sup>47</sup> KINZO. Op. Cit. p. 32.

<sup>48</sup> GRINBERG, op. cit.

<sup>49</sup> LAMOUNIER, op. cit. p. 67.

<sup>50</sup> 24 de março de 1966 pelo TSE, e em 24 de fevereiro de 1967, a PGE autorizou sua transformação em partido político.

elementar obrigatório e do técnico- profissional;  
q) pela manutenção e consolidação de uma política de efetiva participação do Brasil no sistema de vida e de valores da civilização ocidental e no mecanismo de segurança continental, com o pleno cumprimento de seus compromissos internacionais e, sobretudo, com o fortalecimento da integração econômica latino-americana.<sup>51</sup>

Tem crescido o número de autores que defendem que desde os anos 1930 o poder do coronel sertanejo vem se dissipando, levando o fator econômico a se sobrepor ao poder político, o que ocorreu na maior parte do Brasil. Contudo, do ponto de vista da estrutura partidária, os estados trazem algumas singularidades. Enquanto no Brasil, a aliança PSD/PTB saiu vitoriosa na maioria dos pleitos entre 1945 e 1964, no Ceará nenhum grupo fez seu sucessor até 1962, quando, numa aliança inédita, os dois maiores partidos (PSD e UDN) se uniram para derrotar o PTB de Carlos Jereissati que, sob a tutela do governo federal, consolidava sua liderança no Ceará. Esse acordo chamado de *União pelo Ceará* acabou por antecipar o que mais tarde se chamaria de Arena. A agremiação no Ceará foi fundada em 8 de julho de 1966.<sup>52</sup>

Para Josênio Parente, os partidos políticos cearenses, na década de 1960, se estruturavam numa sociedade que buscava o caminho da modernidade, que naquela época já era identificada com a industrialização. Tanto Távora (UDN) quanto Jereissati (PTB) se identificavam com esse projeto. Contudo, com o golpe de 1964, foi a liderança de Távora que se fortaleceu.<sup>53</sup> O Ciclo dos Coronéis foi fundamental para a hegemonia da agremiação no estado. Virgílio Távora, Adauto Bezerra e César Cals foram os mais influentes líderes desse grupo que se sucederam na chefia do executivo estadual de 1962 a 1982. Embora o conceito de coronel aqui adquira sentido ambíguo, a referência é principalmente à patente militar que todos eles carregavam.

Entretanto, Virgílio Távora foi o que melhor encarnou o conceito de chefe político moderno que consolidou o apoio à Arena nos mais longínquos municípios

---

<sup>51</sup> <http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/registrados-no-tse>. Acesso em 30-09-2017.

<sup>52</sup> Fundadores: governador Virgílio Távora, senadores: Menezes Pimentel e Wilson Gonçalves, dep. Federais: Armando Falcão, Edilson Távora, Flávio Marcílio, Jorge Furtado Leite, Ossian Araripe e Paulo Sarasate; dep. Estaduais: Alceu Coutinho, Almir Pinto, Antonio Gomes de Freitas, Franklin Chaves, Guilerme Gouveia, Haroldo Sanford, Adauto Bezerra, Manuel de Castro, Obi Diniz e Plácido Castelo. Fonte: MOTTA, Aroldo. República: partidos políticos no Ceará. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*. Fortaleza: 2000.p. 10

<sup>53</sup> PARENTE, J. P. O Ceará dos coronéis. In: SOUZA, S. de. *Uma Nova história do Ceará*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000. p. 399.

cearenses. Sua coerência ideológica pode ser notada na filiação partidária: UDN, ARENA e PDS. Távora assumiu a liderança da UDN estadual em fins dos anos 40, em substituição ao seu pai, o ex-interventor Fernandes Távora.<sup>54</sup> Além de militar e intelectual com formação em engenharia, ele se consagraria pelo apaziguamento dos conflitos políticos vivenciados no interior do estado. Até a década de 1950 ele dividiu a liderança da UDN no estado com José Saboia, da zona norte e Paulo Sarasate,<sup>55</sup> em Fortaleza.

Outra virtude do líder citado por diversas fontes era o rigoroso cumprimento dos acordos de campanha. Em Sobral, não faltam exemplos da lealdade da família Barreto a Távora: “Mais fácil o boi avoar do que o líder sobralense, Cesário Barreto Lima, trair a confiança do Cel. Virgílio Távora”.<sup>56</sup>

Os conflitos entre as agremiações antes do bipartidarismo servem de elementos para entendermos a tensão que marcou a atuação da Arena. São recorrentes as afirmações de que a Arena deu mais trabalho ao regime do que o MDB, que era oposição.<sup>57</sup> Diz-se que a *União pelo Ceará* de 1962 foi responsável pela pacificação do estado, “O Ceará [...] tornara-se uma ilha de paz e tranquilidade,”<sup>58</sup> já que os maiores conflitos se davam entre essas agremiações. Entretanto, com a Política dos Governadores de 1972, essas tensões teriam sido reavivadas, com a divisão das chefias locais da Arena. O governador César Cals (1971-1975), para confrontar a ala tavorista, teria dado a maior porção ao ex-PSD que era o menor grupo dentro da Arena, isso teria reacendido as velhas rivalidades.<sup>59</sup>

Um estudo pioneiro sobre a história da agremiação é o *Partido político ou Bode expiatório? Um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional*, de Lúcia Grinberg. Questionando as principais teses sobre o tema, ela inova ao questionar a postura submissa da agremiação ao regime, já que, apesar de serem frutos da ditadura, suas principais lideranças (UDN/PSD) tinham longa experiência na vida política. Ela critica a tese defendida por Dalva Kinzo de que as agremiações criadas

---

<sup>54</sup> CEARÁ. SECRETARIA DA CULTURA. ARQUIVO PÚBLICO. Inventário do Acervo Virgílio Távora. Fortaleza: Secult, 2003. 144p. p. 16<sup>a</sup>

<sup>55</sup> Proprietário do jornal O Povo.

<sup>56</sup> LIMA, César Barreto. *O Homem é o Quinca*. Fortaleza: Premium, 2011. 156p.:il, p. 85-87.

<sup>57</sup> Entrevista de Plínio Pompeu de Saboia. Programa de História Oral (Lideranças políticas). NUDOC. UFC, 1984.

<sup>58</sup> PARENTE, op. Cit. p. 400.

<sup>59</sup> APEC. Acervo Virgílio. Produção intelectual. Fortaleza, 1954-1965 e sem data. Cx. 02.

com o bipartidarismo eram frágeis pela falta de firmeza identitária que marcara suas antecessoras, a UDN e o PSD. Por meio de uma densa documentação do acervo da Arena, ela fundamenta que esses partidos eram bastante consistentes e que essa firmeza identitária foi fundamental para a atuação da Arena, que para ela não foi passiva, enfrentou o regime em diversos momentos, apoiando muitas vezes as votações do MDB.<sup>60</sup>

Relacionando as reflexões de Grinberg com o nosso estudo de caso, é possível inferir que o funcionamento dos partidos políticos na vigência do bipartidarismo não pode ser explicado apenas pela sua relação de adesão ou oposição ao regime, já que muitos líderes tinham conquistado seu prestígio de longas datas (se o partido era novo, os líderes não eram). É possível que a chefia de Távora tenha levado muitos a filiar-se a Arena sem que isso significasse uma adesão ideológica ao regime. É recorrente nas entrevistas sobre a ditadura no Ceará, a não percepção da instalação de um novo regime nos anos 60, haja vista a exclusão de muitos sujeitos do processo político, exclusão que sempre marcou a história brasileira. A ausência de qualquer referência à mudança de regime no pós-golpe, nas atas das câmaras de diversos municípios cearenses, pode ser sintoma dessa indiferença mesmo do legislativo ao processo político.

Távora tornou-se o grande líder da Arena no estado. Ao prestígio conquistado ao longo de décadas de chefia política na região, somou-se a continuidade no carreamento de recursos para o desenvolvimento dos municípios, mesmo no momento em que não ocupava o cargo de executivo. Suas obras renderam-lhe título de cidadania em diversos municípios cearenses.

#### **4.1 A ARENA em Sobral e Massapê**

Ao longo da história da República, o município de Sobral ocupou lugar de destaque na política estadual. A serra da Meruoca, residência de muitos líderes sobralenses, foi cenário de importantes decisões políticas no estado, como lembra o colunista do *Correio da Semana*, nos anos 90, quando esse lugar parecia ameaçado:

Antigamente as decisões importantes no Ceará eram tomadas na Serra da Meruoca [...]. Os saudosistas relembram o prestígio do Doutor José Saboia e do

---

<sup>60</sup> GRINBERG, op. Cit. p. 38.



Coronel Chico Monte que tinha cacife para indicarem e em alguns casos elegerem candidatos ao Governo do Estado e ao Senado da República. Nessa época também estava em plena atividade Dom José Tupinambá da Frota, cujo nome era respeitado além-fronteiras, por sua força de trabalho e por sua grande liderança. [...]

Quem sabe os velhos irão matar as saudades dos anos 30 e 50 quando o Ceará subia a serra da Meruoca para ouvir a opinião dos sobralenses.<sup>61</sup>

Na primeira metade do século XX, os partidos políticos, em nível local, foram representados pelo bispo Dom José, José Saboia e Chico Monte. O primeiro, apesar de não se reconhecer como político, tem na política uma das principais referências.<sup>62</sup> A imprensa foi um veículo fundamental para as disputas políticas em Sobral.

Nos anos 30, as duas agremiações conservadoras mais importantes no município foram a LEC (Liga Eleitoral Católica), tendo como principal articulador Dom José e o PSD (Partido Social Democrático) sob a direção de José Saboia. Com a redemocratização dos anos de 1945, os militantes da LEC foram para o PSD e os pessedistas para UDN. Segundo o ex-vereador Abdelmoumem Melo, Dom José foi junto com os ex-lecistas para o PSD: “Ele era do PSD, mas não queria que ninguém soubesse, não. [...] Dom José era muito amigo de Raul Barbosa, Waldemar de Alcântara e Zé Martins Rodrigues, grande jurista. A turma do PSD era toda amiga dele.”<sup>63</sup> Parsifal Barroso confirma que D. José foi o único bispo do interior com participação política.<sup>64</sup>

Chico Monte foi sem dúvida alguma um autêntico representante da zona norte. Entrou na política como correligionário de José Saboia do partido conservador. Elegeu-se vereador em 1922. Em 1933 surpreendeu seu líder, migrando para a LEC sob a liderança de Olavo Oliveira.<sup>65</sup> Sua atuação decisiva na vitória de Menezes de Pimentel ao governo do Estado, em 1935, consolidou sua liderança na zona norte. Com a queda do Estado Novo foi para o PSD, elegendo-se à Assembleia Nacional Constituinte em 1946. Reelegeu-se à Câmara em 1951.

---

<sup>61</sup> *Correio da Semana*. Sobral, 01 de outubro de 1994.

<sup>62</sup> COSTA, Lustosa da. *Clero, nobreza e povo de Sobral*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1987. 184p. il. O primeiro capítulo intitula-se - Dom José, o político. Neste capítulo ele cita as críticas de Saboia à atuação política do bispo. Em entrevista Abdelmoumen Melo também deixa claro que Dom José tinha partido.

<sup>63</sup> José Abdelmoumem Melo. *Sobral News*. 12 de março de 2012. Ano I – Edição 041.

<sup>64</sup> Parsifal Barroso. Entrevista citada.

<sup>65</sup> Olavo Oliveira foi o advogado de Monte no caso do assassinato de Deolindo Barreto.

Insatisfeito com o partido, em 1954 foi para o PTB, elegendo Parsifal Barroso senador e, em 1958 governador.<sup>66</sup>

Aroldo Mota descreve como nas eleições de 1958 a serra da Meruoca volta a ser cenário de decisões políticas regionais:

No dia 14 de janeiro de 1958, os líderes do PSD [...] e do PTB [...], vão a Sobral ao encontro do Deputado Chico Monte, e, embaixo das mangueiras de seu sítio na Serra da Meruoca, lançam, oficialmente, a candidatura de Ministro Parsifal Barroso ao Governo, ficando a Vice e a Senatória para o PSD.<sup>67</sup>

A habilidade no jogo político, a falta de fidelidade partidária e a violência estão entre as principais características atribuídas a Monte, que em 58 desencadeou muitos conflitos com Virgílio Távora, amplamente explorados pela imprensa.<sup>68</sup> Esses embates evidenciam perfis bem distintos de dois líderes conservadores. O sucesso nas eleições estaduais não se repetiu em nível local. Em 1958 Monte perdeu a prefeitura para Padre Palhano Saboia, para alguns, um dos poucos insultos que não conseguiu revidar. Para Ivan Oliveira, a doença de Monte e o carisma do Padre estão entre as razões da derrota dele.<sup>69</sup> Monte morreu no ano de 1961, em Brasília.

Até os anos 1950, José Saboia era a principal liderança da UDN na zona norte.<sup>70</sup> Com a sua morte, a sigla dividiu-se entre Gentil Barreira e Plínio Pompeu. O grupo comandado por Barreira se aproximou de Virgílio Távora, mas Plínio Pompeu não se submeteu à liderança de Távora e criou sua facção, que ficou conhecida como “anjos rebeldes.”<sup>71</sup> Em 1953 Pompeu liderava o partido em Sobral<sup>72</sup>, mas sua aliança ao então governador Raul Barbosa, opositor do grupo tavorista, para as eleições de 1954,<sup>73</sup> resultou na dissolução do diretório local com

---

<sup>66</sup> COSTA, op. Cit.

<sup>67</sup> MOTA, A. op. Cit. p. 164.

<sup>68</sup> Ibidem, p. 165.

<sup>69</sup> Entrevista de Raimundo Ivan Barroso de Oliveira. Programa de História Oral. Lideranças políticas. NUDOC. UFC. 1984. Filho de Olavo Oliveira.

<sup>70</sup> Nesse período, Chagas Barreto era do diretório da UDN. Acervo Virgílio Távora (105723);

<sup>71</sup> Os “anjos rebeldes” foi uma denominação dada aos dissidentes da UDN, que na legislatura de 1951-54, aliaram-se ao governador Raul Barbosa, que havia sido eleito pela coligação PSP/PSD. Entre os principais nomes estão: Plínio Pompeu (Sobral), Perilo Teixeira (Itapipoca) e Barros dos Santos. Cf. <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1999/1999-GovernodoCearaquadrienio1950a1954.pdf>

<sup>72</sup> Em 1958 o presidente era Ernesto Saboia. Fonte: CEARÁ. Arquivo Público do Estado do Ceará. APEC. Acervo Virgílio Távora. Organização político-partidária. União Democrática Nacional (UDN). 1945-1962. Fortaleza e municípios do Ceará. Cx. 05.

<sup>73</sup> Plínio seria candidato a governador e Barbosa ao senado.

eleição de nova diretoria.<sup>74</sup> A partir de então, a ala tavorista assumiu a liderança da UDN na zona norte, tendo entre os aliados Ernesto Saboia,<sup>75</sup> Jerônimo de Medeiros Prado, Cesário Barreto Lima, João Frederico Ferreira Gomes e Josias Ferreira Gomes, que mais tarde comporiam o diretório local da ARENA.<sup>76</sup>

Para alguns entrevistados, as heranças políticas de Saboia e Monte se dispersaram nas décadas seguintes. Plínio e Ernesto não tinham a vocação de Saboia, e Gentil Barreira apesar de mais habilidoso não era de Sobral. Monte não teria deixado nenhum herdeiro direto. Portanto, a Arena e o MDB constituíram um novo momento na história política de Sobral, embora guardassem laços com as agremiações anteriores. Barreto, Prado e Ferreira Gomes foram para a ARENA e Paulo Sanford, Plínio e Ernesto Saboia, para o MDB.

A primazia arenista no revezamento do poder local deixou na memória sobralense o registro dessa época como o *tempo de Prado e Barreto*. Cesário Barreto ingressou na política como membro do diretório local da UDN, articulando a campanha de Padre Palhano Saboia em 1958. Com o rompimento com Palhano, ele foi para o PTN, legenda criada por Parsifal Barroso, pela qual disputou as eleições de 1962 contra Jerônimo de Medeiros Prado da UDN, agropecuarista e importante comerciante que tinha como aliados a família Saboia e Ferreira Gomes.

Naquele momento, apesar da disputa municipal, eles estavam no mesmo grupo político estadual, a *União pelo Ceará*, que reuniu UDN, PSD e PTN em torno da candidatura de Virgílio Távora, com o apoio do governador Parsifal Barroso. Com o bipartidarismo todos foram para a Arena, divididos em três sublegendas. Barreto se uniu ao grupo do Virgílio Távora; Prado ao de Adauto Bezerra; e Ferreira Gomes, depois de romper com Prado, aliou-se ao pequeno grupo de César Cals.<sup>77</sup>

Sobral é o exemplo mais sólido de hegemonia da Arena na zona norte. Essa hegemonia foi fundamental para o desenvolvimento da cidade. Foram muitos

---

<sup>74</sup> Em 03-08-54 a diretoria do diretório local foi dissolvida e, em 23 de agosto do mesmo ano, assumiu a nova diretoria, tendo seu parente Ernesto Saboia, aliado de Barreira, como presidente. João Frederico Ferreira Gomes e Jerônimo de Medeiros Prado também compunham o novo diretório, que tinha Fernandes Távora na direção regional. Fonte: *Ibidem*.

<sup>75</sup> Plínio Pompeu se afastou da política, justificando-se pela morte da filha.

<sup>76</sup> Em 1958 continuam na diretoria Ernesto Saboia, Cesário Barreto, Jerônimo Prado e José Euclides Ferreira Gomes Júnior. João Frederico F. Gomes está em quase todas. Em 1962 Ernesto Saboia era o presidente e José Euclides Ferreira Gomes e Jerônimo Prado estavam na diretoria. Houve muito conflitos na homologação da diretoria. *Ibidem*.

<sup>77</sup> Plínio Pompeu de Saboia. Programa de História oral (Lideranças políticas). NUDOC. UFC. 1984. 2 fitas (Genro de José Saboia)

os investimentos em educação, habitação, infraestrutura e em industrialização. Podemos afirmar que em Sobral a Arena efetivamente ocupou o lugar de *partido do governo*. As disputas pelo poder ocorreram dentro da mesma agremiação num jogo muito equilibrado, Arena 1, 2 e 3, que partilhavam de prestígio junto ao regime. Os recursos chegaram durante todo o período em que houve alinhamento entre o poder local, o regional e o nacional, ou seja, durante toda a vigência da ditadura. Do mesmo modo, é possível identificar também um alinhamento ideológico, embora tenha sido muito conflituosa a relação entre as sublegendas.<sup>78</sup>

Outro município onde a Arena liderou foi Massapê. Lá o bipartidarismo é um caso instigante. Apesar do grupo que foi para o MDB ser considerado “a maior tradição política de Massapê”,<sup>79</sup> lá a hegemonia também foi da Arena.

Segundo o Sr. Francisco Fernandes, à Arena filiaram-se os tradicionais inimigos políticos dos Pontes, os Aguiar, originários da UDN, como também os Albuquerque.<sup>80</sup> Aliás há mais de uma versão sobre o lugar dos Albuquerque. De acordo, com o historiador Joab Guilherme, eles eram aliados dos Pontes até o bipartidarismo, quando vão para Arena.<sup>81</sup> Já segundo Jilson Canuto, a divergência entre eles só aparece depois dos anos 80.<sup>82</sup> Mas, o nome de maior respaldo no poder local não tinha nenhuma tradição na política, o “coronel” Chico Lopes.<sup>83</sup> Apesar de ser massapeense, Lopes passou grande parte da sua juventude na cidade de Sobral. Segundo a historiadora Elza de Souza, ele era de origem humilde, trabalhou carregando água para as residências, depois ascendeu para vendedor de uma grande casa de peças, da qual mais tarde se tornaria sócio. Ainda de acordo com a autora, naquele período já assistia aos massapeenses que o procuravam em busca de auxílio. Sua popularidade chamou a atenção de líderes políticos locais que o convidaram a candidatar-se para a prefeitura de sua cidade.<sup>84</sup>

---

<sup>78</sup> O episódio das duas Câmaras em 1968 foi o mais tenso. Ver SILVEIRA, E. M. da. *Três décadas de Prado e Barreto*. Rio de Janeiro, UERJ, 2013. (Tese de Doutorado).

<sup>79</sup> SOUZA, Elza. Op. Cit. p.21.

<sup>80</sup> Francisco Fernandes. Entrevista concedida à autora em 14 de setembro de 2017.

<sup>81</sup> GUILERME, Joab Constâncio. *A cultura política do município de Massapê: analisando o contexto histórico-político de 1980-2012*. Sobral: UVA, 2016. (Trabalho de Conclusão de Curso). p. 13.

<sup>82</sup> Jilson Canuto. Entrevista concedida à autora em dezembro de 2017.

<sup>83</sup> O “Coronel”, como gostava de ser tratado, foi classificado como um dos dez melhores prefeitos do Ceará, conforme matéria no jornal *O Povo*, edição de 4 de outubro de 1976.

<sup>84</sup> Demerval Carneiro, ex-prefeito de Massapê e Expedito Frota, coordenador da campanha de 1966. SOUZA, Elza Valquíria Alves de. *O ciclo político do coronel Chico Lopes em Massapê-CE. (1966-1981)* Monografia. (História), UVA, 2003.

Lopes elegeu-se em 1966, foi derrotado em 1970 pelo MDB, mas voltou em 1972 e nas eleições seguintes (1976) elegeu seu sucessor, Beto Lira.

Vinte e seis anos após sua morte, as memórias políticas da atuação de Lopes vêm saudosamente à tona nas páginas dos blogs de Massapê. É recorrente a memória de que Lopes tinha trânsito livre entre os três governadores: César Cals, Adauto Bezerra e Virgílio Távora, sendo recebido no palácio do governo sem agendamento. Do mesmo modo, os teria recebido, por diversas vezes, na sua fazenda em Massapê. Lopes teria visitado ainda o presidente da República João Batista Figueiredo, em Brasília, um episódio que ganhou versão anedótica na literatura massapeense.<sup>85</sup>

Ao traçar o perfil do líder, o blogueiro Jorge Costa o descreve como um homem simples de jeito matuto, mas ao mesmo tempo autoritário.<sup>86</sup> O carisma e a boa relação mesmo com os inimigos políticos são apontados como algumas das suas virtudes.

Sobre o seu prestígio, Costa conclui:

Considero o **coronel Chico Lopes**, um fenômeno na **política da zona norte do estado**. Nunca vi qualquer político dessas bandas, **com metade do prestígio** que Chico desfrutava junto às maiores autoridades do estado do Ceará. Qual a forma que **o velho coronel** usou para conquistar a **amizade pessoal dos ex-governadores, Virgílio Távora, César Cals, Adauto Bezerra, Waldemar de Alcântara e Manoel de Castro Filho**, só deus sabe... gostava de ser tratado como coronel. (Grifos do autor)<sup>87</sup>

As memórias sobre o líder deixam claro que a aliança com o regime militar permitiu ao gestor promover importantes investimentos em infraestrutura no município.<sup>88</sup> A distribuição de empregos no setor público aparece como a prática mais recorrente, fato comum aos correligionários da Arena em todo país.

De acordo com o historiador Airton de Farias, o governo de Adauto Bezerra deu muita assistência ao interior com a criação da Secretaria de Assuntos

---

<sup>85</sup> Há um caso sobre a sua visita ao presidente Figueiredo. Ao ser apresentado como coronel o presidente perguntou se a patente era militar ou do exército e titubeando, Lopes foi salvo por Virgílio, que respondeu: “é do povo, presidente”. Estórias & Casos com Causos & Histórias de Massapê – autor: Ferreirinha. Fonte: <http://aldenisfernandes.blogspot.com.br/2012/09/de-coronel-para-general.html>. Acesso 20/09/17

<sup>86</sup> Autoritário aqui aparece como virtude, sinônimo de coragem, firmeza, fortaleza.

<sup>87</sup> <http://jcostamassa.blogspot.com.br/2015/06/coronel-chico-lopes-o-injusticado.html>

<sup>88</sup> Entre as principais obras estão: Energia de Mumbaba, Galpão dos Feirantes, Escola Adauto Bezerra, Estrada Massapê/Sobral, abastecimento de água Mirim/Massapê e Balneário Alvorada.

Municipais, contribuindo para que nas eleições de 1976 a ARENA conseguisse eleger 95% dos prefeitos do estado.<sup>89</sup>

Apesar do prestígio pessoal de Lopes, o apoio de famílias com tradição política no município foi fundamental para sua permanência no poder, um exemplo foi a eleição de 1970 em que ele saiu derrotado por não seguir as orientações do grupo que havia lhe indicado. É o que se pode aferir desse depoimento:

Eu fui o cabeça da campanha dele de 1966 [...], em 1970 eu estava com Chico Lopes mas rompemos: Eu, Miguel Enéas, Chico Pinto e a família Machado completa. Eu disse a ele: “Bem Chico, você não quer apresentar o candidato que queremos, então resolvemos apresentar o nome de Miguel Enéas [...]”. Depois dos resultados das eleições ele me deu a mão e disse: “Eu errei, você me instruiu tanto e eu perder essa!”.<sup>90</sup>

Para o blogueiro Jorge Costa, o lugar do MDB no poder local foi apenas o de figurante:

Nessa época **SURTIU O CICLO DOS CORONÉIS**, e logicamente o **MDB QUASE ACABA**; ficou lá só quem realmente **AMAVA A VELHA MODEBRA**. E aí em Massapê, a disputa ficou entre **ARENA I E ARENA II. A ARENA I**, sob a batuta de Beto Lira e Chico Lopes; a **ARENA II**, comandada por Zé Maria Azevedo. O MDB era apenas um **SIMPLES FIGURANTE**; nas eleições acima citadas, não conseguiu 20% dos votos.<sup>91</sup> (Grifos do autor)

Em alguns trabalhos acadêmicos e entrevistas foi possível identificar, embora superficialmente, referências ao bipartidarismo em outros municípios da região. No município de Acaraú, a Arena dividiu-se em duas sublegendas. De acordo com Josiele Silva, a agremiação promoveu o desenvolvimento do município, obtendo prestígio junto a comunidade local.<sup>92</sup> A disputa municipal ficou entre as duas Arenas. O MDB concorreu ao cargo majoritário apenas nas eleições de 1966, embora tenha elegeido apenas um vereador em cada eleição.

Na Ibiapaba, a hegemonia da Arena é indiscutível. Com exceção do município de Guaraciaba de Norte, todos os outros ficaram sob a tutela da Arena. Thomaz Brandão de São Benedito e João Nunes, de Tianguá constituíam as

---

<sup>89</sup> SOUZA, Elza Valquíria de. *O ciclo político do coronel Chico Lopes em Massapê-CE*. Sobral: UVA, 2003. 36p (Trabalho de Conclusão de Curso).

<sup>90</sup> Expedito Frota. Entrevista concedida à Elza Souza. In: SOUZA, Elza Valquíria Alves de. P. 23.

<sup>91</sup> jcostamassablogspot.com.br. 22-09-2015. Acesso em 16-09-16.

<sup>92</sup> Maria Irineuza Santos. In.: SILVA, Maria Josiele de Andrade. *Reforma urbana na cidade de Acaraú como instrumento de análise da conjuntura política e social vigente durante as décadas de 1964 a 1983*. Trabalho apresentado na disciplina de Brasil IV. UVA, março de 2015.

principais lideranças da região. Em Tianguá, a maior cidade da serra, havia duas sublegendas da Arena. A Arena 1 de João Nunes, ligada a Virgílio Távora e a Arena 2, de Erasmo Coelho Moita, ligada a César Cals. De acordo a professora Nilene Portela,<sup>93</sup> a Arena 2 era muito próxima do MDB, que tinha entre seus membros: Juraci Andrade, Tarcísio Azevedo e Jatir Portela, partidários que, apesar das sucessivas derrotas, nunca abandonaram a legenda.

Sobre a atuação da Arena em prol do desenvolvimento local, ela diz que não foram muitos os investimentos no município, mas a posição geográfica da cidade atraiu duas obras importantes: o Hotel Serra Grande, iniciado em 1976 e a BR 222, que contou com a interferência da Igreja católica por meio do Mons. Aguiar e de Padre Palhano Saboia de Sobral. Mas o ex-prefeito de Guaraciaba, Elisiário Nobre afirma que Tianguá foi muito bem assistida graças à parceria de Nunes com o governo dos coronéis:

[...] lá em Tianguá as lideranças sempre foram muito fortes, que tinham uma ligação muito forte com os senadores e governador do Estado Virgílio Távora. Era o João Nunes que sempre se impôs e conseguiu sempre muitas coisas para Tianguá, ou seja, Tianguá é uma cidade de destaque aqui na Ibiapaba e justamente porque todas as obras, todos aqueles recursos maiores o João Nunes conseguia que fosse pra Tianguá. Então, eram as duas maiores lideranças que nós tínhamos aqui na serra da Ibiapaba: era João Nunes lá em Tianguá e Thomaz Brandão em São Benedito.<sup>94</sup>

Dos três governadores, César Cals foi o mais atuante na região da Ibiapaba.<sup>95</sup> Na sua gestão foi instalado o bondinho do Parque Nacional de Ubajara (1973), ponto turístico importante ainda hoje.

No vizinho município de Ibiapina, o quadro partidário não diferia muito. De acordo com estudo de Valderi Marques, o MDB contava com uma militância muito diminuta. O ex-vereador Raimundo Nogueira Aguiar diz que os filiados não passavam de seis nomes e que tiveram muita dificuldade de atuar dada a perseguição da Arena:

Eu fui candidato pelo MDB. Naquela época não podia nem fazer comício porque os “grandes” lá perseguiram a gente. No dia da eleição o sujeito era muito perseguido, porque nosso partido era oposição e tava de baixo. [...] Uma vez na

<sup>93</sup> A professora é filha de Raimundo Jatir Portela, suplente de vereador nas eleições de 1966 e 1970, pelo MDB.

<sup>94</sup> José Elisiário de Melo Nobre. Entrevista concedida à Luana Soares em 15 de março de 2017.

<sup>95</sup> Diz-se que ele tinha casa de veraneio em Ubajara.

praça, ali, a gente foi impedido de fazer um comício. Prefeito era da Arena. O MDB tinha sido criado recente e a Arena era apoiada pelos militares, aí não deixaram a gente fazer o comício.<sup>96</sup>

Assim como em Tianguá, o MDB de Ibiapina lançou candidato majoritário apenas no pleito de 1966, quando elegeu o único vereador, o Sr. José Galdino Portela. Nas eleições seguintes, não ocupou mais nenhuma vaga no legislativo.

Explorando os documentos da Câmara, o autor também identificou a influência do Deputado Federal Gal. Josias Ferreira Gomes, sobralense que atuou na região como intermediário dos interesses regionais junto ao governo militar.<sup>97</sup> O autor conclui que a repercussão da hegemonia arenista no município de Ibiapina pode ser percebida ainda hoje na denominação de praças homenageando os ex-presidentes militares.

Em São Benedito, nas eleições de 1966, a disputa ficou entre Rubens Filizola/Artur Gomes da Arena contra Arquimedes Melo Amaral/Bueno Banhos do MDB, saindo o primeiro vitorioso. Essa foi a única eleição em que o MDB lançou candidato majoritário, elegendo três vereadores contra oito da Arena.

Segundo o historiador João Márcio Araújo não havia divergências entre as duas agremiações, prova disso foi um acordo em que o candidato perdedor desta eleição seria eleito na próxima, e o acordo teria sido cumprido com a candidatura única de Buenos Banhos nas eleições de 1970.<sup>98</sup> Contudo, as divergências entre Gomes e Brandão se acirraram, levando à divisão da Arena em duas sublegendas: Arena 1 de Gomes e a Arena 2 de Brandão, saindo o primeiro vitorioso nas eleições de 1972, repetindo o feito em 1976. O MDB continuou a eleger apenas vereadores. Cinco contra quatro em 70 e sete contra quatro em 72.<sup>99</sup>

Percebe-se no caso de Sobral e de São Benedito que o nome da agremiação não aparece na memória política. Em Sobral, a identificação era o sobrenome de família, *Prado* e *Barreto*, enquanto em São Benedito, eram codinomes com sentido jocoso: *Babões* para Arena 1 e *Bebés* para Arena 2.

---

<sup>96</sup> Raimundo Nogueira Aguiar. Entrevista concedida ao autor em 22 de janeiro de 2016. In.: MARQUES, Francisco Valderi. História política de Ibiapina: cenário político do município durante o período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1975). Sobral, UVA, 2016 (Trabalho de Conclusão de Curso).

<sup>97</sup> Neste documento a Câmara de Carnaubal pede apoio à Câmara de Ibiapina para requerer a interferência do referido deputado junto ao Governo Federal, a fim de revogar o Ato que derrubou os subsídios dos vereadores. *Ibidem*, p. 24.

<sup>98</sup> JORGE, João Márcio Araújo. *Pixunas e Babões: a política municipal em São Benedito-CE (1966-2004)*. Sobral, CE: 2014. p. 18.

<sup>99</sup> [www.tre-ce.gov.br](http://www.tre-ce.gov.br). Acesso em 15 de junho de 2016.



Em Viçosa do Ceará, as disputas são mais plurais. Em 1966, não havia sublegendas. Eram apenas Arena e MDB, saindo o primeiro vitorioso, com seis vereadores contra quatro do MDB. Já em 1970, a Arena se divide em duas, Arena 1, Arena 2 e MDB, ficando o quadro de vereadores de seis a três. Em 1972, cada legenda se divide em duas. O MDB sai vitorioso, seguido pela Arena 1, Arena 2 e MDB 1. Nessa o MDB conseguiu maioria no legislativo: 4 contra 5. Em 76, a Arena 1 retoma o poder.

No sopé da Ibiapaba, a cidade de Ipu é outro exemplo da ascensão da Arena. O MDB não lançou candidato majoritário em nenhum pleito, e apenas em 1966 elegeu dois vereadores. De acordo com Regiane Barros, em Ipu a disputa ficou entre duas Arenas, a primeira representada pelo padre Francisco Moraes e a segunda pelo médico Francisco Rocha Aguiar. Assim como em Sobral, as disputas eleitorais em Ipu foram bastante acirradas, pelo menos entre os correligionários de cada partido. As sublegendas não eram fixas, ora um grupo se candidatava pela Arena 1, ora pela 2. Ao que tudo indica não significava falta de fidelidade, apenas a dinâmica natural do processo eleitoral dentro dos partidos.

Em Cariré não houve MDB, e a sublegenda da Arena só aparece a partir de 1970, revezando a direção do executivo. Em 1966 e 1972, a vitória foi de Eriberto de Sá Ponte, enquanto Aderbal Portela Aguiar venceu em 1970 e 1976. Um personagem de importância regional foi o Dep. Manoel Rodrigues. Em 1962, elegeu-se deputado à Assembleia Legislativa do Ceará na legenda da *União pelo Ceará*. Com o bipartidarismo foi para Arena. Nessa legenda foi eleito deputado federal pelo Ceará em 1966. Foi membro do diretório nacional da Arena, reelegeu-se em novembro de 1970 e novamente em 1974, ainda na legenda da Arena, presidindo várias comissões. Ao longo dessa legislatura foi ligado politicamente ao governador do Ceará, Adauto Bezerra (1975-1978). Faleceu em Brasília no dia 17 de novembro de 1975, em pleno exercício do mandato.<sup>100</sup> Seu nome aparece na história da Arena em outros municípios da região.

No litoral, em Camocim também não há presença do MDB. As disputas ficaram entre duas Arenas. Setembrino Fontenele Veras vence em 1966. Em 70, não aparece sublegenda, sendo José Maria Primo de Carvalho candidato único. Em 72, a vitória foi de João Pascoal de Melo e em 1976, Edilson Veras Coelho.

---

<sup>100</sup> <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/>

Na opinião do ex-senador arenista Wilson Gonçalves, o bipartidarismo fez desaparecer o espírito oposicionista do cearense, quando levou para o mesmo lado as grandes forças (PSD e UDN), desequilibrando o jogo político.<sup>101</sup>

## Considerações Finais

A fragilidade dos partidos políticos no Brasil é uma tese muito recorrente tanto entre os analistas quanto entre os líderes políticos. Em alguns momentos houve uma identificação de partidos ideológicos, os de perfil de esquerda e partidos convencionais, de perfil de direita.<sup>102</sup> Mas de modo geral, há um reconhecimento de que a personalidade se sobrepõe às instituições, de que os eleitores votam em nomes e não em partidos. Mesmo concordando com essa tese de fragilidade dos partidos políticos no Brasil, principalmente, do artificialismo do bipartidarismo, é preciso reconhecer que alguns líderes conseguiram construir uma identidade política ao longo da sua história, que de algum modo está ligada aos partidos por meio dos quais atuaram; tanto no caso da Arena quanto do MDB. Muitos arenistas vieram da UDN e depois foram para o PDS, legendas que comungavam da mesma “ideologia”. Do mesmo modo, os emedebistas de maior expressão vieram do PSD ou do PTB, e terminaram no PMDB.

Penso que Grinberg tem razão sobre as características dos partidos anteriores a 1964. Podia não haver ideologia, mas havia uma identidade construída nas disputas pelo poder local, reconhecida na figura de um ou mais chefes políticos. Portanto, havia uma cultura política que unia esses sujeitos em torno da sua agremiação, principalmente a UDN e o PSD de perfil mais conservador.

O bipartidarismo desmantela essa estrutura, que no Ceará foi antecipada, em 1962, com a *União pelo Ceará*. Vejamos que entre 1945 e 1962 nenhum grupo fez seu sucessor: o PSD de um lado, a UDN do outro e PTB, PTN e PSP como fiéis da balança. A *União pelo Ceará* foi um arranjo eleitoral eventual que talvez não tivesse tido continuidade não fosse o golpe e a habilidade política de Távora para manter-se fiel a ele, como se pode perceber neste depoimento: “A União pelo Ceará foi uma vergonha, mas que é preciso reconhecer que Virgílio fez por merecer”<sup>103</sup>.

---

<sup>101</sup> Wilson Gonçalves. Entrevista citada.

<sup>102</sup> Entrevistas de lideranças políticas ao Programa de História Oral. NUDOC. UFC.1984.

<sup>103</sup> João Barbosa. Entrevista citada.

Para o ex-senador arenista, Wilson Gonçalves, as divergências entre UDN e PSD eram quase uma religião, mas não eram ideológicas.<sup>104</sup>

O golpe, seguido do bipartidarismo, desarrumou estruturas partidárias consolidadas, levando para o mesmo lado as principais forças políticas. Muitos defensores do golpe não conseguiram juntar-se aos seus inimigos locais na Arena, muitas vezes nem mesmo a sublegendas deram conta de apaziguar as divergências locais.

Contudo, com a imposição do sistema bipartidário, as elites conservadoras foram se acomodando dentro das sublegendas, e, mesmo marcadas por conflitos, alguns deles bem tensos, como a divisão da Câmara de Sobral em 1968,<sup>105</sup> mantiveram-se fiéis ao partido do governo, de onde garantiram empregos para seus eleitores, cargos públicos para os parentes e aliados, e investimentos públicos em seus municípios, mesmo quando não ocupavam o executivo municipal. Vários entrevistados afirmaram que, apesar das divergências dentro da Arena da zona norte, a agremiação constituiu-se num partido homogêneo, num todo, que tinha em comum o apoio à “revolução”. Portanto, *adesão*<sup>106</sup> é o que caracteriza a formação da Arena aqui.

Depois de consolidada, a Arena na zona norte atuou como *partido do governo*, embora nem sempre no governo. Apoiar a “revolução” era o que constituía a identidade arenista. Em acordo com a tese de Lúcia Grinberg, de que se os partidos eram frágeis, as lideranças que os compunham não eram, fica evidente na história da Arena na zona norte que era o prestígio pessoal de líderes como Virgílio Távora, conquistado a longas datas, que mantinha a fidelidade à agremiação. Em vários municípios, nem o nome do partido aparece. A referência era quase sempre outra, sobrenome de famílias (Prado e Barreto) ou apelidos jocosos (Babões e Bebés).

No caso de Sobral, a Arena foi hegemônica. As gestões de Prado e Barreto garantiram diversos investimentos em infraestrutura, na economia e na educação, com repercussão ainda nos dias de hoje. Seus líderes mantiveram-se no poder

---

<sup>104</sup> Wilson Gonçalves. Entrevista citada.

<sup>105</sup> Cf. SILVEIRA, E. M. da. Prado versus Barreto: as “duas Câmaras” em Sobral (1967-1970). In.: SANTOS, C. A. P. dos; ALENCAR, A.C. N. (Orgs). *A Polifonia sobralense – leituras e entendimentos sobre a história da cidade*. Sobral-CE: Edições ECOA, 2015. p. 241 a 260

<sup>106</sup> Adesão, acomodação e resistência são conceitos usados por Rodrigo Patto para explicar a relação da sociedade com a ditadura. Ver entrevista Café História.

local mesmo com o fim da ditadura e a ascensão do período democrático. Portanto, podemos afirmar que a agremiação foi bem-sucedida na sua relação com o regime. Mas a memória desse sucesso foi abafada pelos seus dissidentes, os Ferreira Gomes, nos anos 90. Atualmente, só se reconhece a Sobral de Dom José anterior aos anos 50, e a de seu “herdeiro”, Cid Gomes, a partir dos anos 90. Apesar da origem arenista, os Ferreira Gomes souberam se adaptar aos novos tempos, inserindo-se na campanha pela abertura política dos anos 80, por meio dos comitês pró-diretas. O período de hegemonia dos arenistas Prado e Barreto é identificado como estagnação, atraso, escuridão pela sua identificação ao regime autoritário.<sup>107</sup>

Do mesmo modo, em Massapê, encontramos um blog que trata da história da cidade, que dedicou longa homenagem ao líder da Arena local “coronel” Chico Lopes, pela passagem do seu aniversário. A referida matéria, publicada em 2015, é intitulada *Cel. Chico Lopes – o injustiçado*. O blogueiro Jorge Costa reclama do esquecimento desse que ele considera o maior líder da história da cidade:

Ao que tudo indica, a memória da Arena não guardou o prestígio dos seus tempos áureos. Nos dois casos, tanto da Arena quanto do MDB, a referência remete-se à imagem pessoal dos líderes, nunca ao Partido. O assistencialismo por meio principalmente de empregos no serviço público foi a principal moeda de troca, de arenistas e emedebistas, reconhecido com orgulho tanto pelos líderes quanto pelos eleitores: um bom político é aquele que socorre seus eleitores em momentos de dificuldades, que frequenta espaços populares e conversa com seu povo, que escuta com atenção até mesmo seus adversários. É o que Pierre Bourdieu chama de poder simbólico, esse poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.<sup>108</sup>

Identificamos nessa experiência da zona norte alguns dos paradoxos da cultura política brasileira. A prática de conciliação tão recorrente na nossa história política levou aliados e opositores a trilharem os mesmos caminhos, entretanto, a memória negativa acerca da Arena e positiva do MDB pode ter um significado mais

---

<sup>107</sup> Cf. SILVEIRA, E. M. da. Op. Cit.

<sup>108</sup> BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 8.

profundo na cultura política brasileira. Para alguns historiadores, o propósito é ocultar a colaboração da sociedade brasileira na ditadura de 1964.<sup>109</sup>

Por outro lado, podemos refletir se não seria uma expressão de valorização da cultura democrática. A memória das redemocratizações (1945 e 1985) tem sido mais positiva do que a das ditaduras, isso pode ser um indicativo de que a sociedade brasileira não é apenas autoritária, de que boa parte dela anseia pela democracia, mesmo que ainda não tenha encontrado os mecanismos da sua consolidação.

## Bibliografia

- ABREU, L. A. de; MOTTA, R. P. S. (Orgs). *Autoritarismo e cultura política*. Porto Alegre: FGV/Edipucrs, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CAJADO, Ane Ferrari; DORNELLES, Thiago; PEREIRA, Amanda Camylla. *Eleições no Brasil – uma história de 500 anos*. Brasília, TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. 2014.
- CEARÁ. SECRETARIA DA CULTURA. ARQUIVO PÚBLICO. *Inventário do Acervo Virgílio Távora*. Fortaleza: Secult, 2003. 144p. p. 16<sup>a</sup>
- COSTA, Lustosa da. *Clero, nobreza e povo de Sobral*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1987. 184p. il.
- DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. *As eleições de 1954 e 1958 no Ceará: os partidos e suas lideranças*. Fortaleza: UFC/Stylus Comunicações, 1989. Coleção Estudos Históricos. NUDOC, Vol. 4. P. 105.
- FARIAS, Airton de. *Além das armas*. Guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72). Fortaleza: Livro Técnico, 2007.
- GRINBERG, L. *Partido político ou bode expiatório*. Um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional – ARENA (1965-1979). Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- GUILERME, Joab Constâncio. *A cultura política do município de Massapê: analisando o contexto histórico-político de 1980-2012*. Sobral: UVA, 2016. (Trabalho de Conclusão de Curso).

---

<sup>109</sup> ROLEMBERG, D; QUADRAT, S. (Orgs.) *A construção social dos regimes autoritários*. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p.11.

JORGE, João Márcio Araújo. *Pixunas e Babões: a política municipal em São Benedito-CE (1966-2004)*. Sobral, CE: 2014. p. 18.

KINZO, Maria D'Alva G. *Oposição e autoritarismo - gênese da trajetória do MDB: 1966-1979*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988. p. 30.

LAMOUNIER, B.; MENEGUELLO, R. *Partidos políticos e consolidação democrática. O caso brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 9 a 13.

LIMA, César Barreto. *O Homem é o Quinca*. Fortaleza: Premium, 2011. 156p.:il, p. 85-87.

MARQUES, Francisco Valderi. *História política de Ibiapina: cenário político do município durante o período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1975)*. Sobral, UVA, 2016 (Trabalho de Conclusão de Curso).

MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará. 1947-1966*. Rio-São Paulo – Fortaleza: ABC editora, 2005. pp. 235-6.

MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *A formação do MDB e a influência do quadro partidário anterior*. In.: Revista de Sociologia e Política. Nº 6/7, 1996.

\_\_\_\_\_. O MDB e as esquerdas. In: FERREIRA, J. *Revolução e democracia – 1964...* RJ: Civilização Brasileira, 2007. p. 295.

\_\_\_\_\_. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 118.

PARENTE, J. P. O Ceará dos coronéis. In: SOUZA, S. de. *Uma Nova história do Ceará*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000. p. 399.

REIS, Daniel Aarão et al. (Orgs). *O Golpe militar e a ditadura – 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: EDUSC, 2004. p. 143.

RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.p. 62-63

ROLEMBERG, D; QUADRAT, S. (Orgs.) *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p.11.

SANTOS, C. A. P. dos; ALENCAR, A.C. N. (Orgs). *A Polifonia sobralense – leituras e entendimentos sobre a história da cidade*. Sobral-CE: Edições ECOA, 2015. p. 241 a 260

SCHMITT, Rogério. *Partidos políticos no Brasil (1945-2000)*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2000. (Descobrimo o Brasil). p. 10

SILVA, Maria Josiele de Andrade. *Reforma urbana na cidade de Acaraú como instrumento de análise da conjuntura política e social vigente durante as décadas de 1964 a 1983*. Trabalho apresentado na disciplina de Brasil IV. UVA, março de 2015.

SOUZA, Elza Valquíria Alves de. *O ciclo político do coronel Chico Lopes em Massapê-CE (1966-1981)* Monografia. (História), UVA, 2003.

---

**Edvanir Maia da Silveira**

*Professora Adjunta do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, tem mestrado em História (UNESP-2000), doutorado em História (UERJ-2013) e Pós-doutorado em História (UFC-2018).*

---